

Pensamentos sobre a moda e sua relação com a tradição a partir de noções benjaminianas

Vanessa Madrona Moreira Salles¹

The emergence of fashion as a historical phenomenon shares a main characteristic with modernism: the break with tradition and an unceasing endeavour to reach "the new".
Lars Svendsen²

Resumo

Este trabalho propõe-se a refletir sobre alguns aspectos da moda, entendida como indumentária de rua, a partir da noção de tradição apresentada por Walter Benjamin que implica em transmissão de experiência e ao mesmo tempo sua traição.

Palavras-chave: Moda. Tradição. Benjamin.

Abstract

This paper proposes to reflect about some aspects of fashion, understood as street clothes, from the notion of tradition presented by Walter Benjamin that involves transmission of experience and at the same time his betrayal.

Introdução

Atualmente a palavra moda é utilizada indiscriminadamente referindo-se a fenômenos diversos e, por vezes, aparentemente incompatíveis. Faz-se pois necessário especificar qual o conceito de moda a que nos reportaremos neste ensaio.

Inicialmente remeteremos a uma conceituação socio-histórica de moda, apresentada por Lipovetsky (2001), que aponta a origem desse fenômeno no final do século XIV, em decorrência da organização das cortes européias - especialmente, a inglesa, a espanhola e a francesa - e das grandes mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa renascentista. Destaca, a expansão mercantil como propulsora da circulação de mercadorias, inclusive de indumentária, e mostra que a intensificação das possibilidades de

1 Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade FUMEC, Belo Horizonte – MG.

2 Svendsen, 2006, p.10.

consumo foi decisiva para a consolidação de um gosto pela novidade até então, historicamente inaudito. No jogo da distinção e do poder encenado na sociedade de corte os objetos serão instrumentos valiosos.

Mas, segundo o autor, a participação no processo de distinção social é apenas sintoma de uma realidade social mais ampla que promove a negação de elementos tradicionais, estáticos e imutáveis e passa a valorizar o presente que se torna visível nas novidades. A valorização do Novo vem acompanhada pela vontade de expressão da individualidade, e, estes seriam, verdadeiramente, os motores do sistema da moda ocidental.

A moda será, pois, considerada aqui como um fenômeno de expressão da lógica da sociedade moderna e que se manifesta, destacadamente, no vestuário. A indumentária e seus usos tornaram-se objeto privilegiado para a compreensão das práticas e representações sociais. As formas de vestir se interrelacionam com diversas outras práticas da sociedade e, assim, compõem o vasto e complexo caleidoscópio cultural de determinados lugares e épocas.

A partir da segunda metade do século XIX podemos perceber a manifestação de um consumo de massa, homogêneo, padronizado e que não mais se restringe às fronteiras nacionais. Encontramos a generalização do desejo de moda e a distinção de dois grandes movimentos dentro dos processos de produção de indumentária: a alta costura, como um laboratório de novidades e a confecção industrial. Não pretendemos aqui recorrer às tentativas de conceituação dessas práticas de vestuário que se constituem inicialmente como campos relativamente distintos mas que a partir de meados do século XX estabelecem relações de trocas mútuas. Partimos do pressuposto que diante do intercâmbio entre as formas – elaboradas pelos designers e as provenientes das ruas –, moda, para nós, será sinônimo de indumentária urbana.

Diz-nos Benjamin que “as modas são um medicamento que deve compensar na escala coletiva os efeitos nefastos do esquecimento. Quanto mais efêmera é uma época, tanto mais ela se orienta na moda.” (BENJAMIN, 2006, p. 118 [B9a,1]). E, está assertiva torna-se extremamente atual, se, concordando com Lipovetsky (2001), reconhecemos nossa época como o império do efêmero.

Constatando-se, pois, o carácter evanescente da moda, consideraremos a distinção proposta por Simmel (1998) em relação à natureza da moda: ela segue ao mesmo tempo um impulso socializante, na medida em que possibilita a experiência de pertencimento a um grupo – daqueles que vestem o que está “na moda” – e de diferenciação – que se verifica segundo o autor na capacidade de distinção social promovida pela moda. No entanto, subtrairemos os aspectos psicológicos presentes na argumentação de Simmel e enfatizaremos as implicações histórico-filosóficas, de matriz benjaminiana.

É importante delimitarmos o espaço de atuação em que esta constelação conceitual operará: a cena contemporânea clivada pelo “poder e o conflito, a tradição e a mudança, a experimentação e o hábito, o global e o local, o homologado e o sincrético.” (CANEVACCI, 2001, p.7) ocupada um personagem – o transeunte da metrópole que circula pelas ruas em suas vestes cotidianas.

Alguns dos criadores de moda nas últimas décadas do século XX, como por exemplo, apresentam propostas que oferecem uma espécie de crítica social e autocrítica da moda questionando noções clássicas de beleza e elegância. Estes designers incorporaram em suas coleções

a cultura urbana da metrópole, a crise das categorias sociais como sexo, fé, família, a inversão de valores, dos extremos que vão da moderna guerra tecnológica às uniões entre parceiros do mesmo sexo, passando por uma reavaliação dos paradigmas (...): a sedução, o efêmero e as diferenças marginais. (BRANDINI, 2007, p.25)

Ao tratar da relação entre moda e tradição, é preciso também esclarecer qual a acepção de tradição será utilizada.

A crise da tradição – tanto de seu conceito quanto de suas formas concretas - tem sido um tema recorrente na obra de vários autores, valendo destacar pela diversidade da argumentação sobre o mesmo assunto, Hegel, que num esforço hercúleo tenta conformar um sistema, num crepuscular empenho de esclarecer o desenvolvimento histórico-conceitual da razão ocidental e Nietzsche, que mostra o carácter positivo dos princípios desorganizadores que se instauram no mundo moderno.

A palavra tradição vem do termo latino: *traditio*. E, como nos esclarece Borheim, “o verbo é *tradire*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar

algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração.” (BORHEIM, 1987, p.18)

Benjamin agrega ao sentido da tradição como transmissão um outro significado proveniente do direito romano em que

“(...) *traditio* era um termo jurídico que denotava ‘entrega’, ‘transferência’ ou ‘rendição’. Seu uso foi estendido à religião por Tertuliano no século II a.C. como parte de sua tradução indiscriminada da experiência religiosa cristã na linguagem do direito romano. Nessa época ‘tradição’ foi um termo extremamente equívoco, uma vez que o sentido conhecido de ‘transmissão’ de uma doutrina oral coexistia com o menos conhecido de ‘rendição’ e ‘traição’. Assim, por exemplo, teólogos desprezaram a traição de Cristo por Judas como a ‘tradição’ que deu início aos eventos de sua ‘paixão’. O termo ‘tradição’ foi ainda definido como o crime eclesiástico de entregar textos sagrados numa época de perseguição – expondo-os à destruição pelos infiéis. Uma pessoa culpada do crime de ‘tradição’ era um ‘traidor’ ou, no uso posterior, um ‘traidor’.” (CAYGILL, 1997, p.28-29).

Apresentada também como traição, a tradição traz internamente a exigência de ruptura, ou seja, de destruição, pois não seria possível que a transmissão se desse de uma forma neutra, sem ruídos, de maneira que a sabedoria do passado atingisse o presente sem corrupção.

Se estas considerações sobre o conceito de tradição são pertinentes como noções teóricas de validade universal, temos uma peculiaridade no processo tradicional nos tempos modernos: a intensificação da experiência de ruptura.

I

O pensamento benjaminiano busca em vários ensaios apreender o que seria a modernidade em fenômenos considerados pela filosofia acadêmica como insignificantes. A moda seria um desses fenômenos urbanos que indiciam o ritmo marcante da modernidade – especialmente, a constante obsolescência – que tem como subtexto a busca pela novidade. A moda apresentaria a lógica da sociedade moderna cujos valores se constroem sob o signo da efemeridade.

Durante treze anos (1927-1940), Walter Benjamin se dedicou à elaboração de uma “coletânea”, uma espécie de documentação repleta de materiais e notas, intitulada na edição brasileira, como *Passagens* (BENJAMIN, 2006). Segundo Rolf Tiedemann, o editor alemão, se este projeto inacabado tivesse sido concluído teríamos “uma filosofia material da história do século XIX” (TIEDEMANN apud

BENJAMIN, 2006, p.13), pois a intenção do autor era “por à prova até que ponto se pode ser ‘concreto’ em contextos histórico-filosóficos” (BENJAMIN, 2006, p.16).

Nas *Passagens*, Benjamin elabora comentários sobre alguns fenômenos urbanos que surgiram, na Europa, no início do século XIX – lojas de departamento, panoramas, exposições universais, tipos de iluminação, reclame, prostituição, etc. – com vistas a apresentar a história.

Na esteira de reflexões benjaminianas tomaremos como ponto de partida o pressuposto de que a moda, enquanto categoria investigativa, funcionaria como uma espécie de mônada, um microcosmos que nos permite investigar a sociedade moderna, onde a experiência tradicional se tornou impossível³. Em vários ensaios o autor mostra a complexidade deste conceito – a experiência – e a importância de sua compreensão para atingir o cerne da lógica da cultura moderna, visto que a intensificação do processo de pauperização da experiência⁴ decorrente de fenômenos sociais como a guerra, a inflação, a fome, a moral questionável dos governantes - evidencia que “já não somos capazes de ligar os nossos conteúdos vividos ao nosso patrimônio cultural” (OLIVEIRA, 1993, p.176). Em sua argumentação Benjamin trata da diferenciação entre experiência tradicional (*Erfahrung*) e experiência vivida (*Erlebnis*). Segundo Benjamin, a experiência tradicional seria a experiência comunitariamente partilhável que se perde com o advento da fragmentação da vida moderna, própria da sociedade produtora de mercadorias que se materializa no século XIX. Em seu lugar se impõe a privacidade da experiência vivida. No entanto, este diagnóstico da vida moderna chega a um impasse formulado na literatura por Proust e Kafka: reconhecer a impossibilidade da experiência coletiva não significa se resignar à condição de uma existência reduzida a meras vivências.

3 O autor interessa-se justamente por autores como, p. ex. Proust (BENJAMIN, 1985, p.36-49) e Kafka (BENJAMIN, 1985, p.137-164) que “reconheceram a impossibilidade da experiência tradicional [Erfahrung] na sociedade moderna e que se recusam a se contentar com a privacidade da experiência vivida individual (Erlebnis).” Cf. prefácio de Jeanne Marie Gabnebin em Obras Escolhidas I (BENJAMIN, 1985, p.8).

4 Cf. breve ensaio de 1933, “Experiência e pobreza “ (BENJAMIN, 1985, p. 114-119)

Mas, contrariamente ao que ocorre na experiência poética moderna, que, de acordo com Benjamin, não corresponde mais à experiência do leitor⁵, a experiência da moda esta intimamente relacionada à experiência cotidiana do usuário, porque é vivência (*Erlebnis*) - o único tipo de experiência possível na modernidade. A moda seria pois uma prática individual circunscrita a uma experiência coletiva, visto que “a experiência do indivíduo nunca é uma só, nunca é alheia à experiência da história, da tradição, em suma, o sujeito nunca é um ser isolado da cultura.” (PEREIRA, 2006, p.53). E o que é a tradição? É o legado do passado para o presente, herança que pode ser autêntica ou não. Na transmissão autêntica há um sentido original que ganha vida ao ser transmitido, mas na transmissão inautêntica, repete-se a ausência original de sentido. Esse trabalho destrutivo da tradição é o que se evidenciaria na moda.

O interessante na moda é que esta herança é recebida como positiva, como um baú com várias formas disponíveis, sem contexto histórico que determine seus usos. Dessa maneira, a moda realiza o programa da modernidade, que não quer o passado, ou seja, a pretensão de eternidade, de segurança, de imobilidade, mas mantém um vínculo com o passado, ainda que para desconstruí-lo.

A moda se ocuparia da transmissão de valores, formas, princípios passados num rearranjo que ao mesmo tempo os revitaliza e os destrói. Revitaliza ao estabelecer novas correspondências, criar instigantes configurações e destrói na medida em que estas referências se tornam irreconhecíveis, desfiguradas, estrangeiras. Esta experiência particular confunde-se com a experiência do sonho coletivo e o despertar seria a saída para o impasse acima referido.

II

É pressuposto da lógica da moda não se deixar desgastar pelo hábito, ou visar ter durabilidade e permanência o que implica em abri-se para uma nova visibilidade sujeita inexoravelmente a se tornar obsoleta. As formas da moda são fugazes como as imagens de um sonho, elementos importantes da experiência social

5 “No Narrador (BENJAMIN, 1985) Benjamin discutirá de forma exemplar a questão da perda da faculdade de trocar experiências evidenciada pela decadência da narrativa, essa ocorreria devido ao inexorável desenvolvimento da técnica. Também neste texto Benjamin trata de formas sociais que se alteram e promovem a mudança na experiência, neste caso, da experiência narrativa. Distingue a narrativa tradicional cuja sustentação eram as condições de uma sociedade artesanal, em que a transmissão da experiência de sabedoria era oral da narrativa do romance que não se refere à história.” (SALLES, 2008, p. 58).

capitalista que compete ao historiador da cultura interpretar. O sonho é um tema recorrente na obra de Benjamin que busca em Freud pistas para discutir as possibilidades para interpretá-los. Como na psicanálise, considera que os sonhos são constituídos por imagens cuja motivação é a realização de desejos, mas se afasta da concepção freudiana ao considerar que sonhar é uma experiência coletiva e histórica e não individual e natural. O ensaísta valoriza o caráter caótico e subversivo da lógica do sonho, e trata a moda como uma espécie de sonho coletivo acordado. A indumentária seria a materialização onírica com suas formas, por vezes, ambíguas e enigmáticas.

E de que são feitos os sonhos? De fragmentos do arcaico e do novo que pretendem ser a realização de um desejo. Portanto, esse sonho coletivo estabelece uma ligação entre passado e presente e aponta para o futuro. A roupa é uma espécie de imagem de desejo. Poderíamos aplicar à indumentária as palavras de Rouanet sobre o sonho benjaminiano:

Na medida em que se limita a repetir conteúdos do passado, cada produção onírica é na verdade uma reprodução, pela qual o recalcado retorna monotonamente; mas na medida em que cada sonho, para exprimir esses conteúdos, mobiliza sob a forma de restos diurnos os elementos da vida quotidiana, reordenando-os, criando novas relações, transfigurando objetos familiares, uma nova realidade é produzida, e é possível distinguir o novo no sempre igual: as instâncias do despertar.” (ROUANET, 1981, p.94)

Na produção de moda essa reprodução se torna tangível a cada nova coleção produzida e disponível de forma massiva em pontos de venda espalhados pelo mundo.

A moda ilustra de forma extraordinária a dialética do sempre igual no novo e do novo no sempre igual. Em busca do êxito nas vendas retoma o pseudo-novo, ou seja, reapresenta elementos do passado com minimalistas variações e as apresenta, graças ao aparato espetacular e publicitário, como extraordinárias. No entanto, esta submissão mercantil não exclui de forma sumária uma outra possibilidade efetivada pela moda: o encontro, no passado, de marcos luminosos, elementos revolucionários que estão sufocados sob os fatos históricos. Benjamin assinala assim, a face “redentora” da moda que apresenta em seu faro para

encontrar no emaranhado de formas, cores e texturas já existentes, o atual, o legitimamente novo⁶.

Cada nova coleção seria uma espécie de despertar, e o despertar significa o fim do sonho, mas de um determinado sonho pois é, justamente, com outro sonho que ocorre o despertar, e, assim, o ciclo infernal se instaura, porque a matéria prima deste processo onírico é o sempre-igual.

A moda promove o “enobrecimento” da indumentária, enquanto esta é reconhecida como “elemento que está na moda”. Mas este reconhecimento está fadado à superação, visto que um dos caracteres distintivos da moda é sua efemeridade, o novo torna-se entanto, auto-justificável, “não é necessário nenhuma referência ao conceito de progresso ou algo similar” (SVENDSEN, 2006, p.28) está essencialmente destinado a se tornar perecível, a envelhecer. É a lógica da moda, seu irretorquível ritual de obsolescência que se pronuncia, numa espécie de “eterno retorno”.

O caráter efêmero da moda se acentua em nossos tempos em virtude da concomitância com outros fenômenos culturais, como os meios de comunicação de massa que colocam em circulação uma profusão de signos identitários numa velocidade estonteante. Essa complexa relação entre rua e comunicação de massa pode ser, de forma privilegiada, analisada na indumentária. Forma privilegiada, mas não excepcional, pois o que se observa na moda é justamente um, dentre os diversos sintomas das mudanças na sociedade moderna, especialmente, a perda da fundamentação do absoluto com a derrocada da regulação teocrática, em fins da Idade Média.

A moda não se apresenta como uma forma cultural que retoma a tradição para alcançar uma experiência coletiva que restauraria o passado. Ela é, sim, a expressão fulgurante do aspecto traiçoeiro, pérfido, da tradição.

⁶ Este caráter antecipatório da moda é discutido por Georg Otte, 2004.

REFERÊNCIAS

BORHEIM, Gerd. Conceito de Tradição. In: **Tradição/Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BRANDINI, Valéria. **Vestindo a rua** – moda, comunicação & metrópole. Revista Fronteiras. Estudos midiáticos. (X(1): 23-33, jan./abr. 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas I. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CAYGILL, Howard. Benjamin, Heidegger e a destruição da tradição. In: BENJAMIN, Andrey; OSBORNE, Peter. **A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Maria Eugênia Dias de. A morte da arte hoje. In: **Anais do Colóquio Nacional sobre Morte da Arte, hoje**. Belo Horizonte (FAFICH/ UFMG), 1993, p. 172 -181.

OTTE, Georg. A questão da legibilidade do mundo na “Obra das Passagens” de Walter Benjamin. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 25-38, jan./jun. e jul./dez 2004. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em 10 mar. 2009.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O lugar do tempo: experiência e tradição em Walter Benjamin**. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o anjo**. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1981.

SALLES, Vanessa. **Cidade: dispositivo de olhar – elementos para uma teoria benjaminiana da percepção**. 2008. 136 p. Tese (Doutorado em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros ensaios**. Trad., intr., notas Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Fashion: A Philosophy**. London: Reaktion Books, 2006.